

GRAMÁTICAS DISSIDENTES: REFORMULANDO O SINAL “CISGÊNERO” NA LIBRAS

RAI LEON SOUZA DE LIMA¹; ÉRICO DURLAN GARCIA GALHO², LUCIANO COUSEN BARBOSA³; LAUREN SILVEIRA FARIAS⁴; NÍCOLAS CRISTIANO THUROW BRAHM⁵ E FRANCIELLE CANTARELLI MARTINS⁶

¹Universidade Federal de Pelotas – raileonsouza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eg.ufpel@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lucke.castle16@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - laurensf.ucpel@gmail.com

⁵Escola de Educação Bilíngue Professor Alfredo Dub - nicolas.tbrahm@gmail.com

⁶Universidade Federal de Pelotas - franciellecantarellim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa propõe compreender, sistematizar e valorizar a diversidade sexual e de gênero no contexto da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com foco nos sinais criados e utilizados pela comunidade surda LGBTQIA+. Trata-se de um campo ainda pouco explorado, marcado por apagamentos linguísticos e sociais que afetam diretamente a visibilidade e a representação das identidades dissidentes. A investigação se insere na área da Linguística das Línguas de Sinais (QUADROS et al., 2023), dialogando com os Estudos de Gênero e Sexualidade e com a Teoria Queer (BUTLER, 2003; HALBERSTAM, 2022; LOURO, 2004; PRECIADO, 2023), articulando linguagem, identidade e sujeito social.

A concepção contemporânea de gênero, alinhada à teoria queer, rejeita a ideia de que gênero é um dado natural, derivado diretamente do conceito medicalista de sexo biológico. Como propõe BUTLER (2003), o gênero é uma construção social performativa, constituída por práticas repetidas e normatizadas. Essa perspectiva é fundamental para entender os sinais em Libras como práticas que carregam significados linguísticos e também políticos, principalmente no que se refere à representação de identidades de gênero.

Diferente de muitas línguas orais, que apresentam marcação obrigatória de gênero gramatical — expressa por meio de modificações morfológicas nas palavras, como desinências ou artigos diferenciados para masculino e feminino —, a Libras não possui, em sua estrutura, distinções automáticas de gênero nos sinais (STREIECHEN, KENDRICK, 2022). Os sinais, de modo geral, são neutros dentro deste contexto, e a marcação de gênero só ocorre quando o sinalizante opta por inseri-la, por exemplo, por meio de sinais específicos que indicam masculino ou feminino. Essa característica confere à Libras um potencial de neutralidade que favorece corporalidades e identidades dissidentes de gênero, possibilitando que cada pessoa escolha livremente se quer ou não acrescentar o marcador de gênero à sua sinalização. Tal flexibilidade abre espaço para práticas linguísticas mais inclusivas e alinhadas à diversidade, evidenciando como a estrutura da Libras é também um recurso político além de identitário para a comunidade surda.

Sendo assim, a pesquisa tem como objetivo mapear, analisar e refletir criticamente sobre os sinais relacionados à diversidade de gênero e sexualidade na Libras, considerando seus aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos, bem como seus efeitos discursivos e pragmáticos. Um exemplo de destaque é a proposta de reformulação do sinal de cisgênero. Anteriormente, um dos sinais

mapeados indicava uma relação direta entre genitália e identidade de gênero, reforçando uma lógica biologicista e essencialista.

A configuração de mão utilizada é a 49 (FERRAZ, 2019), ou seja, mão aberta com as pontas dos dedos indicador e polegar unidas. No sinal questionado, as mãos se posicionam à frente do corpo (cabeça e cintura), em configuração bimanual equilibrada simétrica, com movimento reto e simultâneo: uma mão sobe e a outra desce, encontrando-se no centro e formando um elo — remetendo à ideia de concordância entre corpo (sexo biológico) e identidade de gênero.



FIGURA 01: Configuração do Sinal em Discussão - Cisgênero

Já no sinal proposto, a posição é à frente do tronco e no espaço neutro, mantendo a simetria e a configuração manual anteriores, com as mãos vindo uma em direção à outra, encontrando-se no meio, formando o mesmo elo. A alteração desloca o sentido do sinal para representar a pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído socialmente ao nascer.

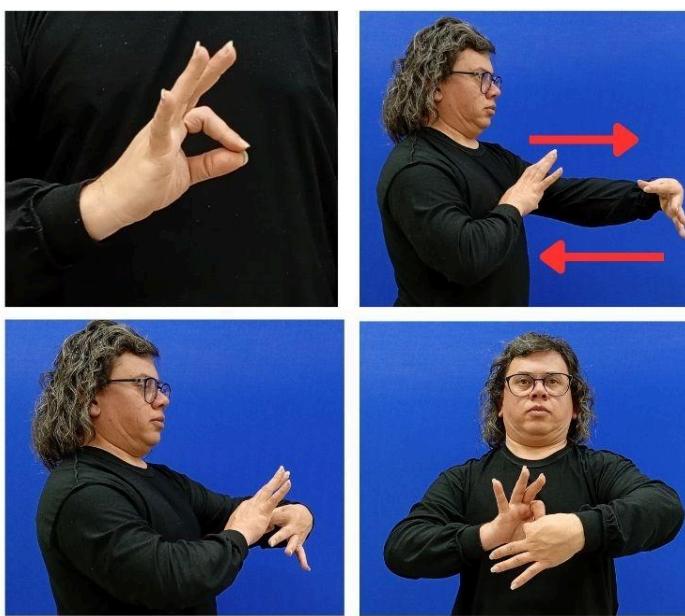


FIGURA 02: Configuração do Sinal Reformulado - Cisgênero

Essa mudança evidencia transformações nos níveis fonológico (movimento e localização), morfológico (estrutura interna do sinal) e semântico (conteúdo

associado), além de possuir implicações pragmáticas (ligadas ao contexto de uso) e discursivas (FOUCAULT, 2010), uma vez que rompe com o discurso biomédico que rege as normas de gênero, produzindo epistemologias próprias a partir do corpo surdo dissidente.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com base etnográfica e analítica. Os dados são obtidos por meio da análise de vídeos públicos em Libras e entrevistas com pessoas surdas LGBTQIA+. A análise está fundamentada nos parâmetros dos estudos linguísticos da Libras e em seus níveis de análise, reconhecendo que as línguas de sinais também podem ser práticas que constroem e desestabilizam normatividades de gênero.

O glossário que se pretende elaborar não tem caráter normativo ou avaliativo, mas sim propositivo e de escuta. Ele busca funcionar como um espaço de ressignificação, alinhado às vivências e concepções da própria comunidade, respeitando suas formas de nomeação, seus deslocamentos e suas estratégias de resistência por meio da língua, respeitando também, as possíveis variações linguísticas existentes e não excluindo outros sinais que já existentes, mas sim discutindo aqueles que não estão em correspondência com as concepções dos estudos de gênero e com as vontades da comunidade surda LGBTQIA+.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, foram mapeados diversos sinais relacionados à diversidade de gênero e sexualidade, com destaque para variações regionais, estilísticas e geracionais. A reformulação desse sinal de cisgênero é emblemática nesse processo, pois envolve mudanças fonológicas (movimento e localização), morfológicas (estrutura interna) e semânticas (significado), além de impactos pragmáticos e discursivos. A proposta de alteração, ao deslocar o foco da correspondência entre o entendimento de sexo biológico e identidade para a relação entre identidade e atribuição social de gênero, reposiciona o sujeito sinalizante frente aos discursos normativos, constituindo-se como um ato político e discursivo que rompe com regimes de verdade e propõe novas formas de enunciação sobre o gênero (FOUCAULT, 2010).

No nível fonológico, a alteração modifica os parâmetros de movimento e localização, que, conforme QUADROS et al. (2023), produzem novos significados. No nível morfológico, reorganiza-se a disposição espacial dos constituintes, reformulando a construção do sentido. Já no nível semântico, ocorre um deslocamento conceitual que aproxima o sinal de uma concepção crítica e socialmente situada de gênero. Alterações dessa natureza, ainda que sutis na forma, podem provocar profundas reinterpretações linguísticas e políticas, evidenciando o caráter vivo e dinâmico da Libras.

Sob a perspectiva dos estudos de gênero, essa mudança rompe com concepções essencialistas que vinculam gênero ao discurso médico de sexo biológico e se aproxima das noções defendidas pelas autorias aqui já supre citadas anteriormente, que compreendem o gênero como construção social performativa. A ressignificação reafirma que a língua não apenas nomeia, mas também molda realidades, e que os sinais produzem e sustentam regimes de verdade. Ao adotar uma forma que enfatiza a atribuição social, a comunidade surda LGBTQIA+ afirma sua agência linguística, contesta padrões normativos e legitima vivências dissidentes.

Por fim, a dimensão pragmática e discursiva evidencia que a mudança do sinal não se limita à sua forma ou ao seu significado isolado, mas está diretamente ligada aos contextos de uso, às intenções comunicativas e aos efeitos sociais que produz. No plano pragmático, o novo sinal atua como um ato enunciativo que, ao ser empregado, posiciona a pessoa surda LGBTQIA+ frente a debates e disputas sobre gênero, tornando-se uma escolha consciente e carregada de sentido político. Já no plano discursivo, essa alteração inscreve novas possibilidades de enunciação na Libras, deslocando-se de discursos normativos para afirmar epistemologias produzidas pela própria comunidade. Assim, o uso do sinal reformulado não apenas comunica, mas também intervém nos modos de pensar e viver o gênero, reafirmando a língua como espaço de agência, resistência e criação de significados.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa evidencia a Libras como um sistema linguístico dinâmico, afetado pelas transformações sociais e políticas da comunidade que a utiliza. A análise dos sinais relacionados à diversidade de gênero e sexualidade — especialmente a reformulação proposta — revela o poder da língua de sinais como instrumento de resistência, visibilidade e construção de identidades dissidentes. O estudo propõe, como produto parcial, a elaboração de um glossário temático e de materiais de apoio voltados à comunidade surda e acadêmica. Essa proposta não tem como finalidade padronizar os usos da língua, mas sim acolher e valorizar os modos de nomeação da própria comunidade surda LGBTQIA+, promovendo inclusão, respeito e abertura para múltiplas formas de existir e significar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERRAZ, Charles Lary Marques. **Dicionário de configurações das mãos em libras**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2019. 362 p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- HALBERSTAM, Jack. Temporalidade queer e geografia pós-moderna. Tradução de Roney Gusmão et al. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 17, p. 282-305, 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da (org.). **Gramática da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Volume 1**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, 2023. 511 p. ISBN 978-85-63240-15-6.
- QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues da (org.). **Gramática da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Volume 2**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, 2023. 560 p. ISBN 978-65-88452-10-2.
- STREIECHEN, E. M.; KENDRICK, D. Aspectos linguísticos da Libras. In: LEMKE, C. K.; ANGELO, C. M. P.; COSTA, L. T. (org.). **Debates contemporâneos na área da linguagem**: diversidade e multiculturalismo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 55-77.